



## Resenha

### **Das formas do cotidiano:**

#### **Interfaces da comunicação e sociedade**

Formas do cotidiano, Wellington Pereira (Org.), João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 2007, 132 p.

Cláudio Cardoso de PAIVA\*

O campo das Ciências da Comunicação é envolto, numa acepção orientalista - simultaneamente - pelo *karma* (como fardo ancestral) e pelo *darma* (como leveza) que dizem respeito à sua natureza voltada para o fenômeno da atualização. Relembremos, este campo constituído por um feixe de saberes que abrangem desde as formas anteriores da matéria jornalística até as modalidades de informação, cognição e vinculação geradas pelas hipermídias. Mas nasce, sobretudo, pelas contingências de se ter que controlar a produção das notícias, ou seja, o registro, apresentação e decifração dos fatos emergentes. Assim, o domínio do conhecimento configurado pelos processos de comunicação tende a se definir em estreita proximidade com a cultura, e nisso mantém uma dimensão de dignidade, pois contempla a cultura em sintonia com as intuições e sistematizações da antropologia, ou seja, como produção de todos os grupos humanos do planeta. A interface Comunicação e Cultura tem sido hegemônica nos estudos comunicacionais e não é por acaso que a maioria dos cursos de pós-graduação em Comunicação seja formalizada de maneira dialógica com os processos culturais, e principalmente no que respeita às artes e invenções que regem as estruturas da vida cotidiana. O problema é que a palavra cultura ao longo do tempo ficou desgastada pela usura; refere-se a quase tudo e ao mesmo tempo não quer dizer quase nada. Assim, durante muito tempo se buscou, no âmbito da comunicologia, um termo que viesse - na medida do possível - conferir originalidade à subárea do conhecimento, interligando o campo da comunicação às atividades do presente, à atualidade, aos fatos emergentes e principalmente às ocorrências simples, voláteis, provisórias que se sucedem no dia a dia dos indivíduos e grupos sociais ao longo da história, e que - para além da sua gritante banalidade - conferem sentido à existência humana.

É no mínimo curioso que esta almejada originalidade tenha surgido um pouco distante dos centros industriais do país e que tenha florescido a partir de um grupo de pesquisa da Paraíba, que inaugurou recentemente o seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação, tendo como uma das suas linhas de pesquisa, Mídia e Cotidiano.

O livro *Formas do Cotidiano*, organizado pelo Prof. Wellington Pereira, da UFPB, consiste num trabalho impresso que resulta dos esforços de um grupo de pesquisa empenhado em decifrar o sentido das relações entre as mídias e as estruturas da vida cotidiana. (Esperamos que este venha a ser disponibilizado o quanto antes para dar acesso aos pesquisadores de outros nichos culturais). O grupo tem se voltado para as atividades do jornalismo impresso e de maneira lucidamente mais abrangente também aos processos midiáticos, às interações, vinculações, modulações das intersubjetividades e sociabilidades que se instauram nos espaços e tempos da vida vivida. Ou seja, realiza um deslocamento epistemológico e institucional singular, no campo da comunicação, na

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.



medida em que concede prioridade às expressões, pensamentos, atitudes, discursos e comunicações triviais dos seres humanos, propiciadores de vínculos e agregações coletivas, desde a competência dos formatos impressos (em seus níveis micro e macrológicos), passando pelas conversações e manifestações espontâneas dos grupelhos que se reúnem nos bairros e periferias em torno dos “churrasquinhos” dos fins de semana até as modalidades hipermidiáticas mais recentes como as instauradas pelo uso coletivo das “lan houses”.

A equipe de trabalho, que constitui o GRUPECJ (Grupo de Pesquisa sobre Cotidiano e Jornalismo), é ganhadora do Prêmio Intercom 2008, na modalidade “Grupo Inovador”, sendo constituída por estudantes de graduação e pós-graduação em Comunicação e Ciências Sociais.

O livro *Formas do Cotidiano* é prefaciado pelo próprio Wellington Pereira, que explica a natureza da obra como resultado dos trabalhos (sob a forma de ensaio) dos alunos de Pós-Graduação (Mestrado) em Sociologia da UFPB, na disciplina Mídia e Sociogenia do Cotidiano. Como diz o autor, reflete a intencionalidade de realizar a fusão entre o senso comum e a episteme, o que nos remete às emanações filosóficas, antropológicas, sociológicas, das obras de autores como Simmel, Weber, Durkheim, Heller, Lefebvre, Maffesoli e Bauman (acrescentaríamos aqui Walter Benjamin).

O trabalho é introduzido por Ana Carolina Porto, Mayrinne Meira e Patrícia Lins que caracterizam o objeto de estudo, apontam sua pertinência, apresentam a sua estrutura geral em quatro partes (*Conceitual; Mídia; Corpo; Cultura Popular*) e indicam os autores que lhes serviram de referências na argumentação.

Na primeira parte, *Conceitual*, escrita por Patrícia Lins, enunciam-se as noções, os conceitos, as categorias, as obras e os autores básicos na fundamentação das investigações; refere-se aqui o âmbito da “rotina, do mundano, do ordinário”, como elementos típicos do cotidiano, e para isso Lins recorre às iluminações instigadas pelas obras de Maffesoli, Shutz, Heller, Featherstone e Pereira.

Em seguida, formando a unidade constituída pelo tema *Mídia*, Ana Carolina Queiroz se dedica a elucidar *O cotidiano irrigado pelos mass media*, e para isso revisita à questão enfrentada por Debord, em “A sociedade do espetáculo” e o faz com destreza destrinchando o cotidiano espetacularizado pelas imagens midiáticas, recorrendo a autores díspares como Harvey, Schwardtzenberg, Subirats, Sérgio Porto & Fausto Neto, Muniz Sodré, entre outros, fazendo interface com a cultura e a política, e cujas apropriações indicam aportes teórico-metodológicos consistentes para os estudos da comunicação e cotidiano. O artigo *O cotidiano e o campo jornalístico* (Ana Carolina Porto) é marcante pelo modo como mostra as competências jornalísticas cotidianas, em suas faces de “repetição”, de “ruptura” e de “transformação”. Por sua vez, Sara Santana também explora o trabalho do Jornalista e o Cotidiano, enfatizando os seus nexos com a vida em comunidade e para isso se inspira em Bauman, entre outros pensadores. A parte de *Mídia* se encerra com o texto de Dayana Melo, tratando das *Celebridades e o espetáculo da informação*, fazendo remetências a Bakhtin, Barthes, Morin, Bucci e Debord para demonstrar como os “fatos extraordinários” também não cessam de permear as camadas diversas da vida cotidiana.

A segunda parte se consagra à temática do *Corpo* e se abre com o ensaio de Luziana de Oliveira Silva, *O corpo como valor*, tecido a partir das contribuições de Freud, Baudrillard, Eco, Lipovetsky, Sennet, cujos conceitos e noções são utilizados para explorar as tensões e conflitos que se estabelecem no domínio de uma estética que



norteia os critérios de beleza, feiúra, tristeza e felicidade nos vários espaços cotidianos. Na seqüência, Mayrinne Meira, no texto *A sedução de Narciso*, enfrenta um dos problemas mais freqüentes no âmbito da comunicação de massa (e pós-massiva), no que respeita ao narcisismo e suas diversas configurações cotidianas no terreno da mídia, da moda, do consumo e, nessa perspectiva, recorre a um sólido arsenal de autores como Baudrillard, Veblen, Hall, Eco, Elias, Wajzman, entre outros. E depois, o trabalho de Márcia Ramalho, *Corpo: possibilidades de comunicação entre os indivíduos*, contempla as tecnologias corporais, as funções e disfunções da experiência estética, e suas evidências na vida social na contemporaneidade, a partir das sugestões de Maffesoli, Lipovetsky, entre outros.

O penúltimo ensaio, assinado por Rita Fabiana Arrais, *A mulher que luta é a mesma que cura: o cotidiano de uma benzedeira na Serra do Torto*, registra o fenômeno das crenças e religiosidades, os processos de comunicação na vida comunitária, no contexto simples/complexo das sociabilidades ex-cêntricas, usando apropriadamente as categorias elaboradas por pensadores como Durkheim, Heller, Featherstone.

Finalmente, o livro se conclui com o instigante ensaio de Cândida Nobre, *Novidade e receptividade: o retorno à comunidade como idealização do real*, que enuncia os termos de uma fenomenologia crítica da tradição e da novidade, remontando as culturas populares, as expressões da cultura nordestina, o cotidiano e o espírito comum. Estrategicamente revisita a obra de Ariano Suassuna e de maneira particular explora as teorias da mídia e do jornalismo, colocando em perspectiva o enfoque das comunidades.

Numa palavra apontaríamos *Formas do Cotidiano* como um opúsculo - no sentido empregado pelo filósofo Gilles Deleuze - que demarca uma rara originalidade no campo da comunicação, pois tendo sido geneticamente oriundo da comunicação (lugar de origem do autor/organizador), vem revitalizar as interfaces constituídas pelo triedro dos saberes advindo das empiricidades da comunicação, cultura e sociedade. Original também pela iniciativa inovadora de ressituar o domínio das ciências da comunicação, observando as suas intrínsecas relações com o simples e o complexo, o rotineiro e o extraordinário, as formas tradicionais e as formas cotidianas do mundo vivido.